

Máira Bonafé Sei

Universidade Estadual de Londrina
E-mail: mairabonafe@hotmail.com

Daniela Cristina Oliveira

Universidade Estadual de Londrina
E-mail: dani.tasmo@ig.com.br

Carla Maria Lima Braga

Universidade Estadual de Londrina
E-mail: carlabraga@sercomtel.com.br

O JOGO DA ESCRITA E A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO DE ADOLESCENTES

RESUMO

A experiência no campo da psicoterapia psicanalítica de adolescentes empreendida em um serviço-escola de Psicologia apontou para a necessidade de desenvolvimento de estratégias de comunicação no *setting* terapêutico que favorecessem o processo terapêutico com este público. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica, que, inspirada no procedimento de Desenho-Estória, proposto por Trinca, e no Jogo do Rabisco, idealizado por Winnicott, buscou delinear uma técnica, denominada "Jogo da Escrita", para facilitação da comunicação e compreensão dos adolescentes no *setting* terapêutico. Opta-se, neste artigo, por apresentar a maneira como esta técnica está organizada e ilustrar os resultados com o material clínico advindo dos atendimentos de quatro adolescentes diferentes. Considera-se que este instrumento configurou-se como um recurso capaz de fomentar o estabelecimento do vínculo terapêutico e de contribuir para o manejo das resistências comumente percebidas na psicoterapia de adolescentes, algo relevante para uso especialmente no contexto institucional.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicoterapia. Winnicott. Adolescência.

ABSTRACT

Experience in the field of adolescent psychoanalytic psychotherapy undertaken in a psychological university service pointed to the need of development of communication strategies in therapeutic setting that could help the therapeutic process with this public. This is a qualitative research in Clinical Psychology, that, inspired by the Drawing-Story procedure, proposed by Trinca, and the Squiggle Game, designed by Winnicott, sought to outline a technique, called "Writing Game" to facilitate the communication and understanding of the adolescents in the therapeutic setting. It is chosen in this paper to present how this technique is organized and illustrate the results with the clinical material from four different adolescents' attendances. It is considered that this instrument was configured as a resource capable of promoting the establishment of the therapeutic relationship and to contribute to the management of resistors commonly perceived in the adolescent psychotherapy, something especially relevant for use in the institutional context.

Keywords: Psychoanalysis. Psychotherapy. Winnicott. Adolescence.

1 Introdução

A experiência no campo da psicoterapia psicanalítica de adolescentes, especialmente a desenvolvida em contextos institucionais como aqueles próprios aos serviços-escola de Psicologia, contribuiu para a percepção de que o atendimento psicológico a este público muitas vezes atravessa impasses concernentes às dificuldades de comunicação de pensamentos, sentimentos, angústias e fantasias enfrentadas por estes jovens. Com isso, o sucesso do processo terapêutico empreendido fica comprometido devido aos problemas de elaboração das questões apresentadas pelos adolescentes.

A adolescência pode ser pensada como uma fase delicada do desenvolvimento e para alguns autores é a partir dela que o jovem "pode inaugurar uma subjetividade na qual amplia as fronteiras do si-mesmo, vendo-se como indivíduo, responsável por cuidar de si e do outro" (FROTA, 2006, p.64). Dependendo de como família, escola, terapeuta, ambiente que circunda o jovem se posiciona, este pode ter a sensação de estar sendo invadido e, diante disto, fechar-se e não buscar ser compreendido ou submeter-se a um modelo que pensa ser o esperado nestes contextos, construindo uma personalidade baseada em um falso *self* (WINNICOTT, 1983). Ambas as situações se configuram como algo distante daquilo que, a partir de uma compreensão winnicottiana do desenvolvimento emocional, considera-se como saudável.

Diante dos fatos mostra-se como algo pertinente a busca de procedimentos que facilitem a compreensão e que permitam uma comunicação, seja de conteúdos conscientes ou de aspectos inconscientes, de forma mais livre e efetiva. Nesse sentido, alguns pesquisadores têm estudado e elaborado procedimentos e técnicas para emprego no contexto da psicoterapia psicanalítica, de forma a cooperar para um bom desenvolvimento do processo terapêutico. Autores como Braga (2012) discutem o papel e importância da escrita na adolescência, enquanto profissionais como Sei (2011, 2013) abordam o uso de recursos artístico-expressivos no campo da psicoterapia e/ou adaptações de técnicas como o "Jogo do Rabisco" no *setting* terapêutico.

Quanto ao "Jogo do Rabisco" (*Squiggle Game*), este foi proposto por Winnicott (1964-1968/1994, 1984), que desejava, por meio dele, oferecer ao paciente a oportunidade de se expressar e elaborar conflitos vivenciados. Configura-se como uma modalidade de trabalho focado na capacidade de brincar do terapeuta e paciente, com uma comunicação pautada nos rabiscos iniciados por um e finalizados pelo outro.

Invertem-se os papéis e, com isso, aquele que iniciou o primeiro rabisco finalizará a segunda produção e aquele que finalizou o primeiro desenho iniciará a segunda imagem e assim por diante. No período de uma hora de sessão são produzidos em torno de 25 desenhos, com profundo significado para o paciente, "fazendo parte de uma comunicação de importância" (WINNICOTT, 1994, p. 232).

Acredita-se que a proposta de um jogo como o descrito configura um campo aberto ao lúdico e ao aceite de uma comunicação para além da linguagem verbal e corporal, com o brincar e a linguagem expressiva presentes no *setting* terapêutico. Neste sentido, no que concerne o brincar de forma mais ampla, pode-se dizer que este possibilita o estabelecimento de um campo de experiência, de um sentido de realidade e é também um espaço privilegiado do vir a ser humano. Winnicott (1975) afirma que o brincar constitui-se como algo universal, estreitamente ligado ao viver saudável e com o poder de facilitar o crescimento e permitir uma comunicação.

A partir do contexto de valorização do lúdico no *setting* terapêutico e inserção de adaptações na técnica de atendimento dentro do referencial winnicottiano, podem ser mencionados os estudos de Safra (2005). Este autor que apresenta um procedimento que utiliza histórias infantis como meio de intervenção adicional na psicoterapia de crianças. Compreende-se que este recurso configura-se como uma forma lúdica de expressão compatível com a vida mental da criança. Ademais, entende-se que as histórias favorecem a construção de um espaço potencial, no qual os fenômenos transicionais podem se manifestar de uma maneira na qual o indivíduo não se sente invadido e consegue retomar de forma criativa seu processo de vir a ser.

Neste tipo de abordagem, o terapeuta assume um papel empático e colaborador no *setting* terapêutico. Ao contar histórias, atenta-se para o problema apresentado pela criança e seu estágio de desenvolvimento. Assim, comunica, por meio de seus desenhos e histórias, o entendimento adquirido acerca das dificuldades enfrentadas pelo paciente e sugere possíveis soluções (SAFRA, 2005).

Outra estratégia desenvolvida para uso no contexto clínico a partir de um referencial psicanalítico foi o procedimento do Desenho-Estória de Walter Trinca (TRINCA, 1987). De acordo com este autor, sua introdução deu-se como um "meio auxiliar de ampliação do conhecimento da dinâmica psíquica no diagnóstico psicológico" (TRINCA, 1997, p.12). Para se atingir estes objetivos, foi feita uma combinação de processos expressivos-motores, tais como o desenho livre, e processos aperceptivos-dinâmicos, relativos a verbalizações temáticas. Parte-se do pressuposto de que diante da possibilidade de livre associação, o psiquismo do indivíduo o

conduzirá para as áreas mais sensíveis de sua personalidade, com a manifestação de material pessoal de maior significância. Diante da oferta de um espaço de acolhimento adequado, a pessoa pode comunicar ao terapeuta suas questões, conflitos, problemas emocionais, difíceis de serem revelados sem o uso de estratégias como o Desenho-Estória.

Tendo em vista este panorama inicial, entende-se, então, que a criança saudável chega à adolescência equipada para perceber seus novos sentimentos, tolerar melhor as situações de apuros e resolver situações que envolvam ansiedade em demasia. Para que esta base na saúde se faça presente, é indispensável a atenção a determinadas necessidades supridas pela família e a escola. Estes possuem o papel de fomentar o desenvolvimento da criança e do adolescente, devendo ser estabelecida uma relação de confiabilidade entre adulto (em seus diversos ambientes) e o indivíduo.

Porém, nem sempre a pessoa dispõe de condições ótimas para trilhar este processo de vir a ser, tendo o ambiente se mostrado falho no cuidado ofertado. Nestes casos, a adolescência pode representar uma etapa na qual questões do passado se reapresentam. Como consequência, o adolescente passa a padecer intensamente de sentimentos de irrealidade cuja principal luta passa a ser a de sentir-se real, sendo pertinente o encaminhamento para a psicoterapia. Defende-se, portanto, que o adolescente necessita de um suporte firme e um ambiente de confiança de forma a poder se comunicar melhor e superar esse período de incertezas e culpas porque "crescer significa ocupar o lugar do genitor. *E realmente o é.* Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo." (WINNICOTT, 1975, p.195).

Um aspecto que permeia a possibilidade do ambiente se configurar como atento, suficientemente bom (ARAÚJO, 2005), refere-se à possibilidade de comunicação entre as pessoas. De acordo com Winnicott (1963/1983), a capacidade de se comunicar está relacionada às relações objetais e depende da qualidade do ambiente favorável. A comunicação com o mundo pode ocorrer a partir do falso *self* e não parecer real, não sendo uma verdadeira comunicação porque não envolve o núcleo do *self*, aquele que poderia ser chamado de *self* verdadeiro. Por outro lado, a comunicação com objetos subjetivos tem toda a sensação de ser real. O autor discorre, em seu artigo *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*, sobre os mecanismos mentais que podem estar subjacentes a um dilema que pertence "à coexistência de duas tendências, a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado" (WINNICOTT, 1983, p.168).

Diante deste panorama sobre os processos de desenvolvimento e de comunicação, na perspectiva da psicanálise winnicottiana, compreendeu-se ser pertinente esquematizar uma estratégia alternativa de comunicação para a promoção de saúde junto ao público adolescente. A proposta aqui delineada organizou-se a partir da seguinte composição: o Jogo do Rabisco (Winnicott, 1984), que na visão de Winnicott (1964-1968/1994), não possui regras pré-estabelecidas, podendo o método ser recriado; o Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca (1987); o Desenho estória com tema (AIELLO-VAISBERG, 1999); além do uso da história infantil (SAFRA, 2005).

Almejou-se delinear um jogo que pudesse facilitar a comunicação entre a dupla terapeuta-paciente, de forma a ressignificar as histórias contadas pela dupla e assim possibilitar uma elaboração dos conflitos. Desta forma, fez-se uma adaptação por meio da qual o terapeuta inicia uma história: "Era uma vez...", com o paciente adolescente dando continuidade à mesma. Esta vai sendo conjuntamente completada, similarmente ao conjunto rabiscos configurados por Winnicott em suas consultas terapêuticas com as crianças. Acredita-se que a continuação da história pelo paciente pode ser altamente reveladora do psiquismo do jovem em atendimento, podendo-se perceber uma fragmentação e desestruturação por vezes ocultada pelo discurso verbal, que se apresenta por meio do "Jogo da Escrita" que demanda o uso da fantasia, da imaginação e no relato de pensamentos e sentimentos. Pensa-se que um processo de comunicação e elaboração acontece no encontro com o outro de forma a compartilhar a solidão, o silêncio ou a dor e em uma tentativa de mudar o rumo de sua história imaginada, aspectos que favorecem o desenvolvimento e a retomada da saúde do adolescente.

2 Material e Métodos

Para a elaboração desse trabalho foi utilizado o método qualitativo (TURATO, 2005), o qual possibilita melhor compreensão dos fenômenos clínicos que surgem em trabalhos terapêuticos. Esse método tem como característica a busca de conhecimento e compreensão profunda de fenômenos subjetivos, das vivências e das representações que as pessoas têm de certas experiências de vida. Também considerou-se a psicanálise como teoria mediadora da compreensão dos fenômenos observados durante a elaboração e análise dos dados, com foco na abordagem winnicottiana.

Vale indicar que, dentro desse referencial de trabalho e pesquisa, observa-se que a análise dos dados deve ser feita tal qual a aplicação e desenvolvimento da técnica: respeitando-se as especificidades de cada situação, a personalidade do terapeuta e paciente e a importância da relação entre essas duas pessoas. Entende-se que os conteúdos que emergem em trabalhos dessa natureza possibilitam uma compreensão mais profunda do que os pacientes tentaram comunicar-nos com suas histórias, os sentidos e significados que foram emitidos em seus trabalhos. Para Turato (2005, p. 510), “o significado tem função estruturante: em torno do que as coisas significam, as pessoas organizarão de certo modo suas vidas, incluindo seus próprios cuidados com a saúde”.

Espera-se, com este estudo, tal como indicado por Turato (2005), criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, com elucidação de uma ordem que passa despercebida ao olhar comum. De modo mais específico:

o interesse do pesquisador volta-se para a busca do *significado* das coisas, porque este tem um *papel organizador* nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos. (TURATO, 2005, p. 110)

Quanto aos procedimentos empregados, indica-se que foram feitas a aplicação da técnica do "Jogo da Escrita" em uma população de 10 adolescentes entre 12 e 17 anos, no período de maio de 2011 a junho de 2013. Para a aplicação desse trabalho foram utilizadas folhas de sulfite ou de caderno, canetas, canetinhas ou lápis para escrever. O terapeuta convidava o paciente para juntos fazerem uma brincadeira, constituída pela escrita de uma história em conjunto. Cada um deles deveria, então, escrever alguma frase para completar a história e dar sentido a esta. A história poderia ser sobre qualquer tema e deveria ser construída em parceria, de forma que o desenrolar da trama fosse esboçado, em conjunto, entre os dois participantes.

Ambos se sentavam lado a lado, cada um com uma cor de lápis para diferenciar suas falas. O terapeuta era o responsável por começar a história, sendo preferível que este buscasse iniciá-la escrevendo frases do tipo: “*era uma vez...*”, ou “*há muito tempo atrás...*”, ou ainda, “*em um lugar muito distante...*”. Esse início tinha como objetivo não direcionar a história, deixando espaço para que o adolescente discorresse sobre

qualquer coisa que quisesse, oferecendo espaço para que os conteúdos emergissem mesmo que indiretamente.

A partir da leitura das histórias coletadas junto aos terapeutas responsáveis pelo atendimento dos adolescentes, foram selecionadas 4 histórias para serem analisadas. Essas histórias foram escolhidas por terem em seus conteúdos representações mais diretas de conteúdos analisados no processo terapêutico individual daqueles pacientes. Tal recorte visa uma compreensão em maior profundidade do fenômeno, como almejado nas premissas da pesquisa qualitativa. Neste sentido, por meio do material clínico produzido nos atendimentos a partir do "Jogo da Escrita", constrói-se uma outra possibilidade de comunicação dos adolescentes no *setting* terapêutico e de entendimento de suas questões por parte dos terapeutas.

2.1 Aspectos Éticos

No que concerne os aspectos éticos envolvidos na investigação desenvolvida, ressalta-se que o presente trabalho inseriu-se dentro do projeto de pesquisa "A Clínica Winnicottiana: um Estudo Sobre a Teoria do Amadurecimento Pessoal e o Manejo Clínico", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, a partir do parecer nº 237/2010.

3 Resultados e Discussão

Os resultados obtidos por meio desta pesquisa estão divididos por casos, denominados de Caso A, B, C e D. Em cada situação, são expostas informações gerais dos adolescentes atendidos, seguidas da transcrição das histórias e discussões concernentes ao material clínico em questão. Ao final da apresentação e apontamentos relativos a cada caso individualmente, faz-se uma discussão geral dos casos e do papel desempenhado pelo "Jogo da Escrita".

3.1 Caso A

Rosa¹, (17 anos) procurou atendimento psicológico 1 ano após a morte do seu pai por se sentir muito triste e desanimada. Morava com sua mãe e com uma irmã mais nova. Durante o período de atendimento observou-se bastante sofrimento em relação a sua identidade, a manter-se na escola e ter responsabilidades. Após 2 meses de

¹ Todos os nomes citados no trabalho foram alterados para preservar a identidade dos participantes.

atendimento, Rosa faltou por 3 semanas, quando retornou soube-se que a mãe fora diagnosticada com leucemia e falecera. Mesmo tendo parentes próximos na cidade que pudessem cuidar dela e de sua irmã, foram morar com uma amiga da mãe, casada e que não tinha filhos.

A continuidade da terapia se deu no sentido de adaptação a essa nova casa, essa nova família e a busca de um espaço delas próprias, visto que houve muita dificuldade de adaptação também por parte desse casal de saírem da situação de uma família de 2 pessoas para uma família de 4 e com duas filhas adolescentes.

Quando foi solicitada a fazer a história, Rosa deu a esta o título: "O sonho". As frases em negrito foram escritas por Rosa e as demais pelo terapeuta, opção de transcrição que segue nos demais relatos.

Era uma vez um cachorrinho chamado **Ted**. Ted morava nas ruas, pois tinha se perdido de casa. **E um dia, ao passar em frente de um parquinho...** ele se deparou com uma família de passarinhos **e sentiu muita fome, pois não comia há semanas**. Quando se aproximou dos passarinhos, todos voaram. Ele pensou: **"Ainda bem, senão eu ia comer vocês"**. Ted viu que os passarinhos tinham fugido porque ele parecia **com um urso, de tão peludo que estava, mas ele continuou andando e viu dois** cachorrinhos parecidos com ele. Pensou **"Que saudade de casa!"** e lembrou **que não tinha pra onde ir, então decidiu** sair andando pela cidade para procurar uma solução pro seu problema, **mas começou a chover e ele precisava se esconder da chuva**. Foi aí que ele encontrou uma lagartixa num cantinho sem chuva, **mas ele tinha medo de lagartixa, então foi procurar outro lugar**. Aí a lagartixa disse pra ele não ter medo. Ela era muito legal! **Então ele decidiu ir até ela, mas quando chegou bem perto** se sentiu receoso. Mas isso era normal, a lagartixa disse, pois eles eram diferentes. **Ele olhou nela e reparou que ela tinha pequeno defeito**, mas não se importou, afinal todos têm defeitos, inclusive ele. **Então ele começou a conversar com ela e descobriu** que ele podia confiar na lagartixa e que eles podiam, juntos, **formar uma pequena, diferente e esquisita família, e então disse** que a vida era difícil, e outros problemas poderiam surgir, **e então a Ana² acordou e percebeu que tinha apenas sonhado, mas tirou uma lição de que não se mistura vodka com whisky** e que não importa como as coisas sejam difíceis e nos sintamos sozinhos, se temos com quem contar, ainda há de haver esperança e podemos confiar e nos sentir bem!

Durante a história Rosa tenta por vezes colocar-se no papel do terapeuta e conduzir a história, como uma forma de resistir a ser colocada em questionamento sobre algumas questões. Em sua história vê-se certa insegurança em construir novos laços afetivos. Ted é um cachorro sem casa, fora abandonado por sua família de origem. Até mesmo quando da aproximação da imagem de uma família, Ted ataca e fica feliz pelo sumiço da possibilidade de se aproximar de uma família talvez pela dificuldade em lidar com o tema.

² Terapeuta que atendia a adolescente.

Quando lembrado de sua casa, Ted recorda-se que não tem pra onde voltar, comunicando aqui o sentimento de abandono vivido pela paciente. Rosa também fala de sua dificuldade em resolver os seus problemas porque, mesmo tentando, o mundo não a ajuda mandando chuva. É ao se esconder que Ted encontra uma amiga, a lagartixa, que o inquiri sobre seus medos e busca se aproximar mesmo quando Ted foge. Assim como a função do terapeuta, de continência de angústias do paciente, a lagartixa questiona Ted e o acolhe mesmo com seus medos.

É quando Ted começa a confiar na lagartixa que eles podem formar um vínculo, uma tentativa de substitutos da família e do cuidado que esses representam que a paciente consegue falar do seu desejo recesso. Quando a resposta do terapeuta aponta o fato de possíveis dificuldades poderem surgir, para os caminhos difíceis do processo psicoterapêutico, Rosa não suporta a fantasia. Recorre à realidade para encerrar a conversa cheia de significados que teve com sua terapeuta, acordando a terapeuta Ana de suas fantasias.

3.2 Caso B

Violeta (14 anos), irmã mais nova de Rosa, foi encaminhada para atendimento no serviço-escola de Psicologia após a morte do pai. Negava-se a falar qualquer coisa sobre os pais, mas gostava muito da família que adotou Violeta e sua irmã mais velha. A alguns meses após a chegada à nova casa soube-se, por sua irmã Rosa, que Violeta estava tendo dificuldades no controle dos esfíncteres durante o sono, além de ter pedido para dormir entre o casal, junto com sua irmã.

As frases em negrito foram escritas pela adolescente. Ao final da atividade, Violeta deu o título a sua história de: "A família Feliz".

Era uma vez uma princesa que morava na torre de um castelo. Lá ela vivia com vontade de sair da torre, mas sua madrasta má não deixava. Então surgiu uma fada madrinha e a concedeu um pedido. Assim ela pediu que a madrinha a deixasse sair da torre, e o seu pedido foi cumprido. Então ela saiu da torre e foi conhecer lugares novos pela cidade e conhecer outras pessoas, até que ela achou um lindo castelo e foi ver o que tinha lá dentro. A princesa, então, descobriu que lá tinha um ogro feio e nojento e então ela decide não ficar no castelo e decide voltar a passear pela cidade. E então depois de passear muito ela voltou para o castelo, conversou com o ogro e até começou a gostar dele. Juntos eles tiveram um reinado e a princesa estava bem feliz, mas pensou: "Será que vamos ter filhos? E a madrasta, será que tenho saudades dela?" Ela chegou à conclusão. E então ela teve 10 filhos e quando o ogro se casou com ela virou um Príncipe e eles viveram felizes para sempre.

Nessa história vemos que a princesa que vive reclusa em seu castelo tem o anseio de sair, mas não toma coragem para tanto. Sua saída só é possível quando um desejo seu é realizado por uma fada madrinha a qual o realiza dando a autorização para que ele seja experimentado. Quando surge a oportunidade de sair de seu lugar de origem a princesa se depara com um novo lar, um novo castelo. Contudo, esse castelo é também morada de um ogro. Violeta, de maneira bem simples, nos comunica de seu desejo proibido de conhecer o mundo além de sua casa e se encanta com esse novo lugar.

O espaço que está para além da família do adolescente, o mundo longe dos pais é cobiçado, entretanto lá também moram seres desconhecidos. Quando vê o ogro, Violeta não foge. Mesmo quando é afastada pela terapeuta do monstro, ela volta para o castelo e conversa com ele. Nessa história a princesa parece viver bem com essa nova família, essa suposta família postiça criada por ela e o ogro. O conflito aqui levantado pela terapeuta parece ser bem resolvido. Entretanto, nota-se que Violeta lida com suas questões de maneira a não pensar nestas, sem se questionar demasiadamente sobre seu passado.

Essas falas mostram grande resistência da paciente em falar sobre a família que se desfez. Violeta busca reprimir os conflitos que possam emergir, indicando assim de forma clara que ainda não está pronta para buscar saber de sua família. Por enquanto o passado está à margem de seus questionamentos, ou pelo menos de suas conversas com a terapeuta.

3.3 Caso C

Cravo, 16 anos, foi encaminhado pela escola para atendimento psicopedagógico por ter grande dificuldade em aprender. Após 2 anos de acompanhamento psicopedagógico foi encaminhado para psicoterapia individual devido a problemas familiares. Já havia reprovado 3 anos na escola e sofria muito por ser repetente. Morava com um pai agressivo e uma mãe pouco presente, ambos trabalhavam o dia todo deixando Cravo sempre sozinho.

Cravo também tinha uma irmã mais velha que não morava em sua casa. No último ano, esta tinha saído de casa após saber que estava grávida. Cerca de 6 meses depois do parto a criança foi encontrada morta em seu quarto, com a causa da morte não tendo sido esclarecida.

Quando convidado a escrever, Cravo pediu à terapeuta para fazerem 2 histórias. Essa foi a segunda história escrita por eles, a qual Cravo pediu para escrever o início: "O menino e a cobra assassina".

Era uma vez dois meninos que estavam brincando no rio... e os dois ficaram parados quando... uma sucuri estava entrando no rio. Eles saíram correndo, mas a cobra conseguiu pegar um deles. E o menino que chamava Raul³ ficou preso na cobra. O outro menino que chamava Ruan foi correndo para chamar ajuda. Chegando perto da casa Ruan viu sua mãe que muito brava... perguntou pelo Raul. Ele falou que uma cobra tinha pego ele. A mãe de Ruan correu para o rio e quando chegou lá viu que Raul... estava sendo esmagado pela cobra. A mãe de Ruan falou para o menino ir pegar uma faca. Ruan trouxe a faca rapidamente... e a mãe matou a cobra esfaqueada. Ela ficou cheia de sangue, mas... não se importava, pois tinha salvo o menino. Que agora parecia estar morto, mas ele estava apenas desmaiado e a mãe levou para o hospital. Chegando lá o menino foi medicado e internado para fazer mais exames. Com esses exames a mãe descobriu que ele tinha quebrado 8 costelas e as 2 pernas, mas o menino não desistiu, falou que ia ficar bem e no máximo o mês que vem já saía. E foi o que aconteceu, mas teve que voltar no colo da mãe. Chegando em casa o menino foi mexer no computador e teve muitas faltas no colégio. E reprovou.

Após a sua primeira história, Cravo se coloca na posição de quem conduz a história, ele quem dita o tema da conversa para a terapeuta. Assim, surge em sua história uma figura fálica e muito perigosa: uma cobra assassina. Os meninos apenas se divertiam no rio, mas um deles não escapa, é pego pela cobra e precisa de ajuda para ser resgatado antes que morra. Aqui é importante dizer que os nomes que aparecem na história não são totalmente ao acaso, Raul e Ruan são nomes correlatos e que já haviam aparecido em sua psicoterapia. Um relacionado a um cantor que Cravo é fã o outro uma adaptação do nome do cantor, fora o segundo nome de seu sobrinho, escolhido por ele na época do nascimento.

Na história parece haver certa continuidade entre os dois meninos, Ruan ajuda Raul a ser salvo da cobra e depois disso deixa de aparecer na história. Ruan é esmagado por essa figura fálica que o tenta devorar, porém há aqui alguém que o protege, a mãe. Mãe que a princípio era de Ruan, todavia que passa a ser também de Raul quando o resgata ensanguentado e quase morto. Aqui a mãe aparece como figura que destitui o animal desse poder fálico que sufoca o menino, tal qual a boa mãe que cuida e protege seu filho das maldades e a agressividade do mundo, mantendo-o vivo e seguro.

³ Os nomes Raul e Ruan são fictícios. Os nomes verdadeiros foram omitidos para preservar a identidade do paciente.

Cravo nos mostra que esse contato com a voracidade do mundo, ou talvez aqui correlato à figura do pai, tem suas consequências. O menino sai a salvo da história, mas não totalmente ileso. Paga por sua aventura o preço físico de ossos quebrados e a quase morte. Cravo é cuidado e melhora fisicamente, mas paga também mostrando que sua volta ao colo da mãe teve um preço, o de ficar para trás em relação aos demais, gerando inclusive uma reprovação na escola.

3.4 Caso D

Margarida de 14 anos iniciou a psicoterapia individual no mesmo momento que seu irmão de 10 anos. O responsável por procurar o serviço-escola foi sua mãe. Essa relatou que Margarida era muito rebelde e briguenta em casa. Havia recebido diagnóstico de TDAH e se recusava a tomar a medicação indicada. Seu irmão, sempre quieto e tristonho, apresentava ideias suicidas e já havia tentado suicídio.

Seus pais estavam em crise no casamento. A mãe dizia só estar casada por não ter condições financeiras para separar-se. Margarida tinha um irmão mais velho que raramente era citado em sessão, porém dizia saber, assim como toda sua família, que seu pai usava drogas (maconha e cocaína), fato que fora confirmado por sua mãe. Relatava também que sua mãe a expulsava da casa quando brigavam, assim passava boa parte da noite conversando com amigos mais velhos em seu condomínio. Durante a psicoterapia foi observado que havia certa concorrência entre mãe e filha. A mãe se negava a dar banho no filho mais novo e dormia com os dois meninos às vezes.

Margarida não quis nomear sua história. Durante a escolha das cores dos lápis para escreverem, Margarida pediu para usar duas cores diferentes que alternou por toda história.

Há muitos e muitos anos atrás... eu amei e agora estou amando um pouco mais! *Eu iria amar mais e agora estou perdida*, mas conheci alguém que... me apaixonei, mas essa pessoa amada me decepcionou e agora estou triste, pois eu o amava muito +++++ e *agora estou perdida no mundo não sei o que fazer*.

Mas, um dia, de repente, tive uma ideia! Comecei a trabalhar, mas não é um trabalho qualquer! É um trabalho que eu me reconheço e acho que desse trabalho abrirá muitas portas e oportunidades! *Adoraria fazer outra coisa, mas não teve jeito perdi a chance e a oportunidade o que eu faço agora?* Posso tentar outra coisa, com a minha família me ajudando eu posso... estudar. Mas se eu estudar como vou ganhar a vida sem trabalhar?? E sustentar-me?? *E estudar é um saco e amo trabalhar*. Mas então tenho que fazer outra coisa... comecei a pegar lixo na rua, e morar com minha amiga. Mas então pensei, pensei, e decidi cuidar de um nenenzinho que uma moça me ofereceu o trabalho de baba então né! Porque não aceitar?? É essa a minha chance, não posso deixar essa passar! *Eu aceito com uma condição que ele fica e*

você morra. E assim termina a minha história... como babá, de estudante, de trabalho, para pegar lixo e babá.

A história apresenta-se de forma caótica, com palavras aparentemente desconexas e uma grande angústia por um sentimento de desamor, de perda e de confusão a respeito de si própria. Parece haver uma multiplicidade de pessoas no mesmo relato, uma desordem e grande dificuldade de desabafo de seus conflitos. Margarida faz uso de 3 cores, três momentos distintos para falar o que tem vivido. Parece não haver clareza na história de modo geral, mas quando olhamos para as frases de acordo com a escolha dos lápis observa-se certa coerência entre os conteúdos.

Em uma parte (sublinhado) da história ela fala de estar apaixonada, de trabalhar, estudar, de pegar lixo e de ser babá. Essas são ações claras que ela desempenha durante sua história. Junto com essas ações, que parecem mostrar certa autonomia de Margarida, ela também comunica que há dúvidas e receio sobre essa vida mais madura que ela também tem, não sabe se fica na escola ou se apenas trabalha. Os conflitos relacionados ao amor, ao trabalho e aos estudos aparecem nas frases que estão apenas em negrito. Margarida busca reconhecimento mas também sente-se insegura sobre o que quer, tem medo de falhar, de perder a chance de ser vista pelos que o cercam.

Nas frases que estão em itálico as angústias vividas pela adolescente ficam claras. Aqui não parece haver tantas dúvidas sobre o futuro, mas um forte sentimento de fracasso. Margarida pede ajuda, diz estar perdida e não sabe o que fazer. Mostra ter o desejo de trabalhar mas a obrigação de estudar, coisa que ela não quer fazer mas não sabe como lidar. Parece haver um preço a ser pago, a resolução do conflito pode ser resolvida apenas com a morte de alguém, com a morte de uma das Margaridas que aparecem, ou a que deseja ou a que obedece.

Em todas as histórias analisadas percebemos um “duplo papel” vivido pelos adolescentes. Parece haver uma angústia com a qual eles não conseguem lidar muito bem. Comunicam a angústia de estarem sozinhos, de não se encaixarem, de terem de lidar com questões que antes não se apresentavam e que nem sempre se sentem prontos para isso. As histórias mostram um grande sentimento de solidão, de fracasso muitas vezes e de um espaço desconhecido (talvez o da vida adulta) que eles buscam adentrar mas que causa neles insegurança pelo desconhecimento do que vem pela frente.

Um conteúdo que também permeia essas histórias é a visão de um ambiente hostil, muitas vezes perigoso e solitário que eles mostram terem que enfrentar, ou estarem enfrentando. Esses caminhos são seguidos apenas por eles, sem ajudas e que estão cheios de figuras que às vezes assustam, apaixonam ou causam curiosidade a estes jovens. Nas histórias aparecem figuras amigas como fadas, animais falantes, pessoas amadas e amigos. Também se nota a importância das figuras parentais que ecoam pelos caminhos seguidos, os pais aparecem como ogros, animais perigosos, madrastas e salvadores. Mesmo ficando em segundo plano algumas vezes, essas ainda são figuras de importância singular para os adolescentes.

O que há de comum em todas as histórias é a postura ativa dessas pessoas mesmo em momentos de sofrimento ou de descobertas. Todos eles saíram de suas casas ou lugares de origem e vivem o papel de protagonistas de suas histórias, situação essa típica do período em que estão. Os jovens atendidos e cujo material clínico foi aqui estudado enfrentam medos que não são facilmente vivenciados ou mesmo compartilhados, mas mostram um desejo forte de procura por um espaço seu, uma imagem sua e um lugar no qual possam simplesmente ser eles próprios.

No que se refere à estratégia utilizada para o acesso a estas informações, o "Jogo da Escrita", notou-se que este possibilitou o acesso a conteúdos internos, por vezes não tão claramente conscientes, dos adolescentes em psicoterapia. A partir de uma abordagem winnicottiana, ofertou-se uma técnica mediadora que possibilitou a expressão dos pacientes de maneira não invasiva. Cada um pôde se colocar no atendimento, trazendo para o *setting* seus medos, fantasias, vivências, sentimentos através das histórias construídas em conjunto. Neste sentido, acredita-se que a construção conjunta coloca o terapeuta no papel daquele que oferta um "ambiente suficientemente bom", por meio do qual o desenvolvimento pode ser retomado.

4 Conclusão

A adolescência é um período de transformações, descobertas e perdas. O adolescente deixa seu corpo infantil e seu lugar de criança na família e se depara com o vazio relativo ao não saber e ao não ser. Esse é um período da vida em que é necessário construir, transformar e experimentar. O adolescente vive a angústia de criar seu espaço e trilhar seu caminho. Essa busca por uma identidade não é de modo algum simples e é geradora de grandes conflitos e sofrimentos. A solidão que o adolescente

vive é marcante e não há muito que ser feito, é necessário crescer ou sofrer as consequências de se perder pelo caminho.

A comunicação desse sofrimento pode ser uma forma de alívio para essas pessoas, com a psicoterapia desempenhando um papel significativo na promoção da saúde e retomada do processo de desenvolvimento. Entretanto, as intervenções terapêuticas, especialmente aquelas desenvolvidas em espaços institucionais como os serviços-escola de Psicologia, encontram limites ligados à dinâmica de funcionamento destas clínicas, demandando uma postura diferenciada do terapeuta e, por vezes, o uso de estratégias facilitadoras do processo terapêutico. Assim, o tipo de investigação como a aqui realizada, focada no acontecer clínico, objetivou aprimorar os instrumentos disponíveis no campo da Psicologia Clínica ao dispor de terapeutas.

O "Jogo da Escrita" foi, então, desenvolvido para aplicação nos atendimentos psicológicos, a partir da perspectiva winnicottiana. Por meio dele foi possível perceber que os adolescentes puderam mostrar aspectos talvez não acessíveis por meio de intervenções unicamente verbais. Espera-se que tal ferramenta possa, assim, ser mais amplamente estudada e utilizada por terapeutas de maneira a se promover um processo terapêutico espontâneo, pautado no lúdico e que possibilite a emergência do verdadeiro *self* e da saúde.

Referências

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Encontro com a loucura**: transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de Livre Docência. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1999.
- ARAÚJO, C. A. S. O ambiente em Winnicott. **Winnicott e-Prints**, v. 4, n. 1, p. 21-34, 2005.
- BRAGA, C. M. L. A escrita na transicionalidade e a possibilidade de ser do adolescente. **Omnia Saúde**, v. 9, n. 1, p. 12-22, 2012.
- FROTA, A. M. A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 58, n. 2, 2006.
- SAFRA, G. **Curando com histórias**: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.
- SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- SEI, M. B. Considerações sobre o Jogo do Rabisco. In: **Anais do II Simpósio Winnicott de Londrina**: Winnicott na história da psicanálise. Londrina: UEL, 2013. v. 1. p. 44-51.
- TRINCA, W. **Investigação clínica da personalidade**: o desenho livre como estímulo de apercepção temática. São Paulo: EPU, 1987.

TRINCA, W. Apresentação e aplicação. In: TRINCA, W. **Formas de investigação clínica em psicologia**: procedimento de desenhos-estórias: procedimentos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997. p. 11-34.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

WINNICOTT, D. W. (1960) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self". In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

WINNICOTT, D. W. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 163-174.

WINNICOTT, D. W. (1964-1968) O jogo do rabisco [*Squiggle Game*]. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. e DAVIS, M. (orgs.) **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 230-243.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.